

Fladem Brasil: ações de resistência em meio à pandemia de COVID-19

Glauber Resende Domingues
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Fladem Brasil
glauber.rd@gmail.com

Leonardo Moraes Batista
Universidade Federal do Rio de Janeiro /Fladem Brasil
leonardomoraesbatista@gmail.com

Resumo: Este texto pretende apresentar algumas ações de resistência forjadas pela seção brasileira do FLADEM (*Foro Latino Americano de Educación Musical*), o Fladem Brasil, como medidas para atravessar e resistir à Pandemia de COVID-19 que tem assolado o mundo e, por conseguinte, o Brasil. Na introdução contextualizaremos o que é o FLADEM e como tem sido o enfrentamento à pandemia por intermédio do isolamento social. A primeira parte do texto pretende apresentar a constituição e a realização das *lives* Fladem Brasil. Já na seção posterior pretendemos explicitar questões acerca do processo de realização das *lives* pedagógicas e formativas. Na terceira parte traremos alguns desdobramentos destas duas ações que ocorreram no final do primeiro semestre de 2020 e que resultaram no curso “Das pedagogias abertas à práxis escancarada”. Na quarta e última seção discorreremos sobre a última ação do Fladem Brasil, que foi o Seminário Nacional. Ao final procuraremos apontar o que temos como instituição aprendido com este momento de isolamento físico e quais percepções temos em relação a ações futuras do Fladem Brasil acerca do pós-pandemia, que já é hoje.

Palavras-chave: Fladem Brasil, Educação Musical, Pedagogias Abertas, COVID-19.

Fladem Brasil: resistance actions amid the COVID-19 pandemic

Abstract: This text intends to present some resistance actions forged by the Brazilian section of FLADEM (Latin American Forum of Musical Education), Fladem Brasil, as measures to cross and resist the COVID-19 Pandemic that has been plaguing the world and, therefore, Brazil. In the introduction, we will contextualize what FLADEM is and how it has been facing the pandemic through social isolation. The first part of the text intends to present the constitution and realization of the Fladem Brasil lives. In the next section, we intend to explain questions about the process of carrying out pedagogical lives. In the third part we bring some developments of these two actions that took place at the end of the first semester of 2020 and that resulted in the course “From open pedagogies to wide-open praxis”. In the fourth section we will discuss the last action of Fladem Brasil, which was the National Seminar. In the end, we will try to point out what we have as an institution learned from this moment of physical isolation and what perceptions we have in relation to future actions of Fladem Brasil about the post-pandemic, which is already today.

Keywords: Fladem Brasil, Music Education, Open Pedagogies, COVID-19.

Fladem Brasil: acciones de resistencia durante la pandemia de la COVID-19

Resumen: Este texto pretende presentar algunas acciones de resistencia forjadas por la sección brasileña de FLADEM (Foro Latino Americano de Educación Musical), Fladem Brasil, como medidas para cruzar y resistir la Pandemia de COVID-19 que ha estado asolando al mundo y, por tanto, el Brasil. En la introducción contextualizaremos qué es FLADEM y cómo ha ido afrontando la pandemia a través del aislamiento social. La primera parte del texto pretende presentar la constitución y realización de las vidas Fladem Brasil. En la sección posterior, pretendemos explicar preguntas sobre el proceso de llevar a cabo vidas pedagógicas y formativas. En la tercera parte traemos algunos desarrollos de estas dos acciones que tuvieron lugar a finales del primer semestre de 2020 y que dieron como resultado el curso “De las pedagogías abiertas a la praxis abierta”. En la cuarta y última sección hablaremos de la última acción de Fladem Brasil, que fue el Seminario Nacional. Al final, intentaremos señalar lo que hemos aprendido como institución de este momento de aislamiento físico y qué percepciones tenemos en relación a las acciones futuras de Fladem Brasil sobre la pospandémica, que ya es hoy.

Palabras clave: Fladem Brasil, Educación Musical, Pedagogías Abiertas, COVID-19.

Primeiras palavras

Compreender as variadas faces da América Latina não é tarefa fácil. Fazer o exercício de olhar para nós e nossos fazeres culturais e musicais bem como para os diferentes modos de ensinar e aprender tem sido o exercício epistemológico de variados estudiosos, como fez a educadora argentina Violeta de Gainza (2004), debruçando-se sobre os diversificados movimentos de educação musical no decorrer do século XX. Ela sinaliza que houve, a partir dos anos 1990, um movimento educativo-musical que incorporou paradigmas emergentes para além daqueles já desenvolvidos no século XX, que para a autora é o século da iniciação musical. Gainza (2004) sinaliza que os anos que se seguiram deveriam revisar os fundamentos de ensino-aprendizagem da música, bem como fomentar entre os professores de música um espírito reflexivo, crítico e criativo.

É neste contexto histórico e, de certo modo, de uma certa curiosidade epistemológica, como preconiza Freire (1996), que foi criado no dia 19 de janeiro de 1995 o Fórum Latino-americano de Educação Musical, a partir das ideias trazidas por Violeta de Gainza, da Argentina; Gloria Valencia, da Colômbia; Margarita Fernandez, do Chile; e Carmem Méndez, da Costa Rica. A assembleia que instituiu o Fórum foi feita durante o *III Taller de Educación Musical* e teve o apoio do compositor e educador musical canadense Raymond Murray Schafer (BRITO, 2012).

Os princípios que orientam as ações do FLADEM foram elaborados no ano de 2002 durante o VIII Seminário Latino-americano de Educação Musical, realizado na Cidade do México, e são os seguintes:

- 1) A educação musical é um direito humano, presente ao longo de toda a vida, dentro e fora do âmbito escolar. A música deve estar a serviço das necessidades e demandas individuais e sociais.
- 2) A educação musical é baluarte e portadora de elementos fundamentais da cultura dos diferentes povos latino-americanos, o que a torna prioritária em função da formação das identidades locais e, por extensão, da consolidação da identidade latino-americana.
- 3) A educação musical está a serviço da integração sociocultural e da solidariedade, permitindo canalizar, positivamente, diferenças de todos os tipos.
- 4) Uma educação musical flexível e aberta tende a romper estereótipos e a instaurar novos paradigmas de comportamento e aprendizagem no contexto escolar e social.
- 5) A educação musical, por meio da vivência e da produção musical, tende a promover o desenvolvimento pleno da sensibilidade artística, da criatividade e da consciência mental.
- 6) Integrando os povos de origem ameríndia, ibérica e caribenha que formam o continente latino-americano, o FLADEM é uma instituição independente que propõe preservar as raízes musicais e validar projetos educativos que emergem dos processos históricos e culturais dos diferentes países.
- 7) O FLADEM é uma instituição com bases artísticas e humanas amplas, integrando educadores musicais, músicos, artistas, docentes de diferentes áreas e toda pessoa que abrace esta Declaração de Princípios, sem restringir sua participação em outras organizações.
- 8) O FLADEM constitui uma rede de serviço e de pesquisa que propicia a formação de redes solidárias de ação, orientadas a formar, a capacitar e a integrar os educadores musicais dos países participantes.
- 9) O FLADEM concebe a educação pela arte como um processo permanente de aprendizagem e integração das linguagens expressivas, visando o aperfeiçoamento da pessoa humana, como meio de transformação qualitativa do mundo e da vida.
- 10) O FLADEM se compromete a implementar políticas educativas e culturais favoráveis à realização plena destes princípios (BRITO, 2012, p. 109).

Por conta da extensão territorial do continente e para materializar, de alguma forma, o que preconiza o princípio 6, o FLADEM incentiva que cada país se organize em células locais trazendo o que preza a instituição, criando assim as seções nacionais. Desta forma, a seção brasileira do FLADEM, denominada de Fladem Brasil, já tem uma atividade de longa data, inclusive desde a criação da instituição, já que naquela ocasião a educadora musical brasileira Marisa Fonterrada fez-se presente e representou o Brasil. Desde então

o Fladem Brasil vem ampliando suas ações, buscando descentralizá-las do eixo Rio-São Paulo (ou da Região Sudeste do Brasil) e expandindo-as Brasil afora, tornando o Fladem Brasil uma instituição presente em todo o território nacional, de fato.

O Fladem Brasil salienta em suas ações, de forma bastante contundente, a materialização também dos princípios 7 e 8, especialmente sobre a instituição e o fortalecimento de bases humanas sólidas, com criação de uma rede de serviço e de pesquisa para seus associados. Isto porque para o Fórum não existe música sem o sujeito que a produz e a ideia de um “amor pela música” sem uma escuta atenta da/do/de sujeita/o/e que a produz pode levar a um processo de invisibilização das subjetividades.

Toda esta preocupação foi fortemente superestimada por conta da Pandemia de COVID-19, que impôs um isolamento social como medida preventiva à contaminação pelo novo coronavírus, já que o contato social por intermédio principalmente de partículas aéreas era considerado a principal forma de transmissão.

Neste contexto, começamos a nos interrogar sobre as dificuldades que teríamos para executar as atividades do Fórum enquanto o isolamento fosse necessário e, por outro lado, como continuar fortalecendo as ações que já vinham sendo desenvolvidas desde o ano de 2017, quando a expansão das ações do Fladem Brasil foi multiplicada em outras partes do solo brasileiro.

Considerando tal cenário, este texto apresenta os processos desenvolvidos pelo Fórum no ano de 2020 como formas de enfrentamento à pandemia, promovendo interação social remota dos seus associados por intermédio de ações que pudessem ser educativas, já que muitos educadores musicais foram imersos de uma hora para outra no ensino remoto. De outra forma as ações foram ao mesmo tempo agregadoras, já que muitos de nós estávamos em casa, isolados e sem contato com os companheiros de luta da área de educação musical.

Neste sentido este artigo pretende apresentar as ações por nós desenvolvidas neste processo pelo qual ainda estamos passando. A primeira parte trata sobre a constituição das *lives* Fladem Brasil, que aconteceram às terças-feiras no final do primeiro semestre de 2020. Já a segunda versa sobre as *lives* pedagógicas e formativas, que foram ao ar aos sábados no mesmo período das *lives* citadas anteriormente e tratavam de assuntos mais relacionados a temáticas mais específicas sobre a formação das/des/dos

flademianas/nes/nos e demais professores de Música para as tecnologias digitais. Na parte seguinte nos debruçaremos em explicar o desenvolvimento do curso online “Das pedagogias abertas à práxis escancarada”. Por último apresentaremos o processo de planejamento e execução do III Seminário Nacional do Fladem Brasil, que aconteceu todo em formato virtual, como as outras ações anteriormente citadas.

Sobre as *lives* Fladem Brasil

As *lives* Fladem Brasil foram um respiro em meio à pandemia em dois aspectos: internamente e externamente. Internamente com as pessoas que fazem parte da Junta Geral Fladem Brasil, porque obrigou todas/es/os a conectarmo-nos midiaticamente e flademianamente para pensar o que faríamos enquanto fórum daquele momento para frente e qual era a nossa responsabilidade social enquanto educadores musicais. Dali em diante nos mantivemos no diálogo com as pessoas associadas e com a rede de educadores musicais que acompanham as atividades do FLADEM no Brasil, levando em conta o fascismo e a necropolítica crescentes nesse país em meio à crise sanitária causada pela COVID-19.

Em diálogo com as memórias do Fladem Brasil e com os princípios e objetivos que norteiam as ações do FLADEM decidimos realizar um percurso de discussões com convidadas/es/os que pudessem tratar de questões que são das epistemologias decoloniais para pensar e praticar uma educação musical atenta ao que a contemporaneidade tem apontado, principalmente ao que concerne às dinâmicas de subalternização, silenciamento, invisibilidade e inaudibilidade causadas pela insistente violência colonial. Com esse propósito iniciamos as *lives* Fladem Brasil.

Visando curar a dor do educador, como bem nos convida Madalena Freire (2008), paramos em um primeiro instante, enquanto junta diretiva, para olhar aquilo que já tínhamos realizado e qual era o fio condutor que poderíamos perseguir naquele instante. Foi então que retornamos aos Boletins Fladem Brasil, que, publicados em 2018 e 2019¹, apontavam debates entre educação musical e questões relacionadas às discussões de raça, gênero, sexualidade, territorialidade, religiosidade, interculturalidade, ancestralidade,

¹ Para maiores informações acerca das produções dos Boletins Fladem Brasil sugerimos acessar o link: <<https://www.fladembrasil.com.br/boletim>>.

trabalho. Ou seja, esses boletins trataram e ainda tratam de apontamentos que sinalizam a emergência da descolonização da práxis pedagógico-musical nos diversos espaços de educação. Principalmente essa que ainda praticamos aqui no Brasil e em outros países além do nosso, que compõem a América Latina, pois bem compreendemos o lastro de colonização que ainda persiste nesse continente conforme diversas/es/os autores já apontam².

Pensar uma Pedagogia Aberta como práxis de Educação Musical exigiu de nós, que fizemos a curadoria e pautamos os debates das *lives* Fladem Brasil, um olhar sobre o Brasil, de fato. Esse Brasil que mais mata pessoas negras, mulheres, LGBTQIA+. Esse Brasil que assassina seus povos originários para uma expropriação beligerante de seus territórios e suas cosmologias. Esse Brasil que, atravessado por uma onda fascista disfarçada de políticas de austeridade, congela os gastos e os investimentos na educação pública e em outros setores sociais garantidos em constituição para fazer valer os princípios ‘democráticos’ de um determinado grupo político que está no poder.

Esses pontos nos fizeram perceber que nesse momento da pandemia era necessário encarar as mazelas de nossa sociedade e assumirmos nós, educadores musicais a missão de ter a consciência de que toda a ação pedagógica humanizada, requer olhar e escuta para o Brasil, de fato.

Em uma era em que a midiaticização da cultura e da sociedade, como destaca Stig Hjarvard (2014), não mais como veículo e sim como meio comunicacional da vida e nesse momento único em meio à pandemia, o Fladem Brasil se utilizou do Facebook ativando o modo *stream*, para o diálogo com as pessoas associadas e com as demais interessadas nos debates que essa associação promove. As *lives* Fladem Brasil foram transmitidas às terças-feiras no período da noite, visando contemplar um número significativo de pessoas, pois compreendemos que naquele momento as formas de ensinar e aprender música estavam sendo reconfiguradas para uma lógica midiaticizada.

As *lives* Fladem Brasil foram organizadas por eixos de discussão, compreendendo que as pautas-debates as quais fizemos a curadoria continham o engajamento político e a

² Para ampliar a leitura sobre descolonização propomos conhecer os trabalhos em destaque, tais como os de Anibal Quijano; Nelson Maldonado-Torres; Catherine Walsh; Ramón Grosfoguel; Nilma Lino Gomes; Silvia Rivera Cusicanqui; Boaventura de Sousa Santos.

participação colaborativa da entidade, principalmente no que concerne a uma abertura e ao intercâmbio pedagógico. Como um exercício formativo, levamos em conta que esse movimento iniciado em um período que não tínhamos a ideia do futuro que estava por vir, dado a COVID-19, tomamos posse de nossa responsabilidade e colocamos na roda questões e tensões que ainda são tabu nas discussões dentro do campo da educação musical latino-americana, o que evidencia uma demanda por mudança.

Levando em conta que a pandemia nos obrigou tomar a mídiatização como forma de vida, em um primeiro momento das *lives* Fladem Brasil foram trazidas discussões em torno das questões relacionadas ao mundo tecnológico e as suas possíveis utilizações, mediações, recursos e dinâmicas sobre o educar com mídias. A tomada de decisão por debater esses aspectos, em um primeiro instante, se deu pela demanda daquelas/es/os que fazem parte da rede da seção nacional do Fórum no Brasil. Para nós, autores deste escrito, foi possível perceber que existe uma carência de estudos, práticas e interações com o mundo tecnológico e mídiatizado que nesse período de isolamento social tem se apresentado necessário. Por outro lado, temos um palpite de que ainda há muito o que se fazer no que diz respeito à formação inicial e continuada de professores de música para lidar com as tecnologias digitais nas práticas de educação musical. Isto nos levou a crer que era necessário debruçarmo-nos sobre estas discussões de forma atenta ao mínimo de humanização e de condições para que as/es/os professores pudessem desenvolver seu trabalho de forma não precarizada.

A segunda fase de discussão, conforme quadro abaixo apontado, relaciona uma série de debates decoloniais, compreendendo a decolonialidade como enfrentamento à colonialidade ainda presente e persistente nas práticas de educação musical na América Latina, que ainda se utiliza de abordagens epistemologicamente eurocentradas de países que colonizaram o lado de cá. Debateremos, num percurso de 13 encontros, proposições mediadas por tensões para pensar uma educação musical em um momento em que a desigualdade social tem sido deflagrada devido à pandemia do novo coronavírus, questionando a nós mesmos: e agora educador/a/e musical, o que fazer?

Levando em conta tais aspectos apontados até o momento, as *lives* Fladem Brasil ficaram organizadas do seguinte modo (Quadro 1):

Quadro 1: participações nas *lives* Fladem Brasil.

DATA DA LIVE	TÍTULO	CONVIDADAS/ES/OS
7/4/2020	O FLADEM e seus princípios: educação musical e contemporaneidade	Adriana Rodrigues
14/4/2020	Potências e desafios de educar para as mídias e com as mídias	Eliza Rebeca Vazquez
21/4/2020	Reflexões e ações sobre o ensino e aprendizagem on-line	Juciane Araldi Beltrame
28/4/2020	Um live mão na massa com recursos digitais para o ensino de música	Priscilla Battini Prueter
5/5/2020	Educação Musical e movimentos emancipatórios na/da América Latina	Arisbe Martinez Luzmila Mendivel Trelles de Peña Alejandro de Vicenzi
12/5/2020	Educação Musical, Cosmologias e Decolonialidade	Marcia Kambeba Edson Kayapó André Gonçalves
19/5/2020	Educação Musical, Diáspora Sonora e Práxis Sonora	Priscilla Hygino Mano Teko Pedro Mendonça
26/5/2020	Educação Musical, Trabalho e Música de Concerto	Antonilde Rosa Luciana Requião Hudson Lima
2/6/2020	Práxis de formação em música e os dilemas da formação humana em cenário de repressão e violência	Micael Carvalho Leonardo Moraes Luis Ricardo Queiroz
9/6/2020	Descolonização dos processos pedagógico musicais a partir de outros modos e práticas	Marcos Santos Samuel Lima Augusto Pérez Guarnieri
16/6/2020	Educação Musical, Gênero e Sexualidade	Haure Tanaka Helena Lopes Glauber Resende
23/6/2020	Práticas Educativas, Pedagogias Musicais e Ancestralidade	Yalorisà Paula de Odé Zilda Chaves Ranha Duarte
30/6/2020	Arte, Mediação de Saberes, Processos Pedagógicos e Desenvolvimento Humano	Aliã Wamiri Eloísa Costa Gonzaga Everson Melquiades

Fonte: Elaboração dos autores.

Nas *lives* Fladem Brasil contamos com um time amplo com representatividade e proporcionalidade de pessoas que puderam falar de seus próprios lugares sem

hierarquizações e com um sentido emancipatório (RIBEIRO, 2017). Essas pessoas trouxeram suas experiências e seus conhecimentos para a discussão como um exercício político antiexpropriatório, com objetivo de demonstrar o pensamento crítico como prática de libertação e como objeto preponderante ante às urgências com as quais necessitamos lidar ao desenvolver a ação pedagógico-musical.

Observando o movimento síncrono e assíncrono dessas lives pudemos perceber o movimento reverberantes com o quantitativo de pessoas que em média participaram/assistiram os debates. Foi um número considerável que gira em torno de 1.000 até 2.000 pessoas, aproximadamente. Tal movimento, para nós do Fladem Brasil, aponta a demanda de debates que educadores musicais desejam ter, a considerar que é impossível não pensar no Brasil de hoje sem levar em conta suas mazelas coloniais ainda presentes nos currículos e práticas de educação musical nos diversificados espaços de formação.

As *lives* Fladem Brasil trouxeram narrativas problematizadoras com questões que atendiam aos anseios por respostas em tempos de pandemia, contextualizadas pelo cenário político internacional e nacional a partir dos aprofundamentos das desigualdades sociais, pensando os possíveis usos da música e da educação musical para enfrentar a barbárie e todo tipo de autoritarismo nos diversos espaços educativos e, principalmente, quando dizem respeito aos imperativos éticos, políticos e estéticos de uma Educação Musical aberta, expandida e humanizada.

Outro caráter midiático e inovador nesse período pandêmico, foi transformar essas lives em publicação, dentro da Revista Fladem Brasil, por meio do dossiê intitulado “Lives Fladem Brasil ONLINE 2020”.³ A publicação reafirma a potência da rede colaborativa que buscou refletir e problematizar questões hegemônicas na educação musical brasileira e latino-americana, com subsídios à prática dos educadores musicais durante o período de confinamento.

³ Para você que tem interesse em ampliar as informações sobre o dossiê da *Revista Fladem Brasil*, sugerimos acessar o link: <<https://www.fladembrasil.com.br/revista-01>>.

Sobre as *lives* pedagógicas e formativas

As *lives* pedagógicas e formativas, diferentemente das *lives* Fladem Brasil, passaram por outro processo de constituição. Isto porque, a partir de uma observação do campo da educação musical e da variada quantidade de pessoas que já estavam naquele momento desenvolvendo algum tipo de atividade de ensino de música de forma remota, optamos por abrir um processo de submissão de propostas. Assim, enquanto nas *lives* Fladem Brasil os participantes foram convidados a comporem mesas, neste formato as pessoas submeteram propostas com temáticas variadas de educação musical à distância ou em forma remota.

O processo de curadoria contou com membros do comitê científico do Fladem Brasil e buscou preconizar aquelas propostas que atendiam à demanda dos educadores musicais que precisavam atuar em sua docência com tecnologias digitais variadas mas não contavam com muita expertise para lidar com os equipamentos de forma satisfatória. Dito de outra forma, lidar com plataformas, aplicativos e ambientes virtuais seria um desafio profissional ainda maior para tais professores. Considerando o resultado do processo de curadoria, as *lives* pedagógicas foram organizadas a partir das seguintes temáticas gerais:

a afetividade via educação remota, a educação musical com idosos institucionalizados, o entorno caseiro para fazer música, as práticas vocais e de percussão corporal online, os instrumentos e linguagens musicais não hegemônicas na educação musical, além do uso de diversos aplicativos e ambientes para mediar a educação musical (como o *PadLet*, o *Make It*, o *SoundTrap*, o *GSuite*, o *WhatsApp*, entre outros) (BORNE, 2020, p. 7-8) [grifos dos autores].

O processo de organização das mesas deu-se a partir das próprias propostas feitas pelos autores, tentando articular temáticas conexas e que fossem de interesse específico de determinado perfil de educador musical. Se uma *live* pretendia tematizar o ensino do canto de forma remota, trabalhando questões acerca de plataformas a serem utilizadas, da qualidade sonora, dos exercícios possíveis de serem executados, todas as propostas que tinham este foco eram agrupadas preferencialmente num mesmo dia. Considerando tais aspectos, as *lives* pedagógicas e formativas ficaram organizadas da seguinte forma (Quadro 2):

Quadro 2: participações nas lives pedagógicas

DATA DA LIVE	TÍTULO	AUTOR
09/05/2020	Música na Educação Infantil e nos Primeiros anos do Ensino Fundamental	Vinicius Eufrásio (MG)
	Jogo cênico musical: choro no restaurante	Karine Teles Alves (CE)
16/05/2020	Experiência prática com plataforma online para aulas de música no contexto do COVID-19	Matheus Ferreira (SC)
	Encontros online temáticos para aprofundamento e reflexões do repertório (Coro Juvenil)	Daniel Reginato (SP)
23/05/2020	Aulas de Música em plataformas virtuais	Amanda Montenegro (CE)
	<i>Como crear ensambles musicales virtuales con 'Soundtrap'</i>	Charles Prates (Uruguai)
30/05/2020	Cinco notas para escolher	Vanderson Cruz (SP)
	Como migrar para aula em grupo online	Naira Poloni (SP)
06/06/2020	Oficina “Cantar de Cor: Memórias de canções”	Renata Gelamo e Fábio Miranda (SP)
	Um só vocalise, diversas propostas de preparo vocal para crianças	Juliana Melleiro Rheinboldt (SP)
13/06/2020	Criação e exploração de ritmos com objetos sonoros do cotidiano	Beatriz Schimidt (SP)
	Ambientes virtuais de comunicação e estratégias didáticas de ensino virtual	Roberta Forte (SP)
	BatuKatucando na quarentena” (ou “Som que Somos”)	Elinka Matusiak (RS)
20/06/2020	Faça música brincando	Thiago Di Luca (RS)
	Barulhar: a música em estado de encontro	Dulcimarta Lino (RS)
27/06/2020	<i>Educación musical a distancia: un nuevo espacio para crear nuevas resistencias. Las plataformas virtuales deben contestar nuestras preguntas</i>	Ricardo López-Leon (Porto Rico)
	Usando o aplicativo <i>Make it</i> como ferramenta nas aulas de música	Tábata Lima (SP)
04/07/2020	Oficina de asalato e voz	Lari Finocchiaro (SP)
	O tambor sopapo: história, ritmos e propostas para a sala de aula	Lucas Kinoshita (RS)

Fonte: Elaboração dos autores.

Algo que chama a atenção no quadro proposto diz respeito à quantidade de pessoas que são oriundas da Região Sudeste do Brasil e mais especificamente de São Paulo. Esta percepção fez com que os membros da equipe de curadoria se perguntassem sobre as lógicas de representatividade que estavam presentes nos participantes. Há uma participação de maioria das pessoas da região supracitada. Em segundo lugar está bem representada a Região Sul, com cinco proponentes. A Região Nordeste tem uma representante. Já as Regiões Norte e Centro-Oeste não foram representadas, o que deixou o comitê de curadoria do Fladem Brasil bastante preocupado no sentido de, porventura,

não estarmos chegando aos educadores musicais destas regiões ou chegando de forma precária. Algo curioso e que, provavelmente, este formato remoto proporcionou foi a participação de dois proponentes de outros países da América Latina: um do Uruguai e outro de Porto Rico. Muito provavelmente num formato presencial seria impossível a participação destas pessoas, o que nos faz perceber que este movimento de uma ação online (ou à distância) de educação musical pode aproximar associados ao FLADEM de variados países. A presença deles proporcionou aos internautas que assistiram à *live* de forma síncrona (MARTINS, JUSTINO & GABRIEL, 2010) uma interessante troca cultural, já que questões do repertório e da cultura de cada país estiveram presentes nas edições nas quais eles participaram.

Por outro lado, não foi possível perceber pessoas negras e indígenas apresentando proposições de *lives* pedagógicas e formativas. Este aspecto levou-nos a fazer um processo de autocrítica para tentar entender por quais razões não recebemos submissões de pessoas dentro das lógicas de tais representatividades. Considerando o que hooks (2017) nos ensina sobre a ética de luta que os intelectuais negros - e porque também não dizer indígenas e LGBTQIA+ etc. - precisam ter no seu relacionamento com seus pares que não têm acesso aos mesmos meios, consideramos relevante fazer uma análise de conjuntura para além da ideia das proposições feitas. Dito de outra forma, pensamos que precisamos estar mais atentos e percebermos o quanto é urgente que mais pessoas indígenas, trans, negras estejam ocupando lugares de saber e de poder nas ações e espaços do Fladem Brasil e da educação musical como um todo.

As *lives* aconteceram no *Facebook* do Fladem Brasil⁴ a partir de uma plataforma online de logística e exibição de *lives*, o *StreamYard*.⁵ Considerando a quantidade de participantes que assistiram às *lives* síncrona e assincronamente, cada uma delas alcançou aproximadamente 1.000 usuários, chegando a uma marca interessante de engajamento da ação. Isto se dá porque naquele momento a página do *Facebook* do Fladem Brasil estava em crescente aumento do número de seguidores. Algo importante de se sinalizar que mais

⁴ Para ampliar as informações sobre as ações do Fladem Brasil realizadas no período de pandemia, propomos acessar o link: <<https://www.facebook.com/fladembr>>.

⁵ Segue link da plataforma que tem sido utilizada pelo fórum nas suas ações. Aqui compartilhamos como um ato informativo <<https://streamyard.com/>>.

recentemente a equipe de curadoria finalizou o *upload* de todas as lives pedagógicas no Canal do Fladem Brasil no *YouTube*⁶.

Esta marca de quantidade de pessoas que assistiram às *lives* via *Facebook* não foi tanto no formato síncrono, ou seja, enquanto ela acontecia. Chegamos a este montante de usuários de forma assíncrona, o que quer dizer que muitos participantes iam até à nossa página posteriormente para poder assistir à *live* depois. Acreditamos que, em alguma medida, isto se deve ao dia e horário nos quais elas aconteceram. Sábado é para muitos professores um dia de descanso, ainda mais pela manhã, e muitos optam por descansar um pouco mais. Inclusive tentam ligar o modo *off* no que diz respeito ao trabalho. Considerando isto, recebemos várias notícias de pessoas que não assistiram sincronamente, mas depois visitaram a página no *Facebook* para ver as *lives*.

Considerando que as atividades foram gravadas, o conteúdo proposto acabou ficando como uma espécie de repositório de ferramentas pedagógicas para os professores assistirem e aprenderem sobre diversos mecanismos de uso destas tecnologias digitais em suas práticas. O *upload* dos vídeos no Canal do Fladem Brasil do *YouTube* ampliou este acesso já que todos podem acessar esta plataforma, mas nem todo mundo tem acesso ao *Facebook*.

Nesse sentido, o processo de subir os vídeos para o Canal vai ao encontro de um dos princípios do FLADEM, que é o de democratizar o acesso a materiais que possam vir a ampliar as possibilidades de ação dos educadores em suas práticas pedagógicas cotidianas.

O curso online “Das pedagogias abertas à práxis escancarada”

O curso online “Das pedagogias abertas à práxis escancarada” apareceu como proposta da diretoria do Fladem Brasil a partir dos debates que foram feitos nas *lives* Fladem Brasil, que aconteceram às terças-feiras e trouxeram debates insurgentes no campo da educação musical. Alguns deles, dentro de algumas das *lives* revelaram certo tom de entusiasmo pelo fato de algumas temáticas que ainda são caras à área terem sido

⁶ Sugerimos o acesso à plataforma do *YouTube* do Fladem Brasil, para conhecimento das ações realizadas até o momento dessa publicação <<https://www.youtube.com/channel/UCGvtgpEoceg3sblso60WZtA>>.

debatidas, como aquela nas quais participaram Domingues (2020), Silva (2020) e Tanaka (2020).

Desta forma, o marco temporal do presente curso se deu no segundo semestre de 2020, entre os meses de agosto a outubro, e cumpriram uma dupla função. A primeira delas foi a de ampliar o debate acerca das questões suscitadas pelas *lives* Fladem Brasil realizadas entre maio e julho, trazendo mais dialogicidade sobre as epistemologias musicais e pedagógico-musicais apresentadas, bem como um aprofundamento na leitura e debate de referenciais que foram sustentáculos das falas feitas nas *lives*. Por outro lado, o curso tinha a função de fomentar a preparação das/des/dos flademianas/nes/nos para a ação seguinte prevista no calendário do Fladem Brasil para o ano de 2020 ainda durante o isolamento social: a realização do III Seminário Nacional do Fladem Brasil, sobre o qual discorreremos na próxima seção deste texto.

É preciso sinalizar que as duas percepções, acerca da retomada dessas discussões, surgiram a partir de uma leitura de conjuntura feita pelas Coordenações Regionais do Fladem Brasil. Isto, em alguma medida, materializa o processo de interiorização do Fórum e do protagonismo das/des/dos sujeitas/es/os das mais variadas partes deste país.

Como a observação foi feita por estas pessoas, coube a elas forjar este curso de forma ativa, já que são elas que articulam a presença e as ações do Fórum dentro dos estados juntamente com os representantes estaduais. A indicação delas para compor este lugar deu-se justamente pela necessidade de compreendermos a pouca participação de proponentes dos estados, principalmente do Centro-Oeste e Norte nas *lives* pedagógicas. Desta forma os professores Caroline Caregnato (Norte), Leonardo Borne (Centro-Oeste) e Dulcimarta Lino (Sul) ficaram mais responsáveis pela questão pedagógica do curso. O professor Micael Carvalho (Nordeste) pela interface tecnológica juntamente com o Leonardo Borne e a professora Ritamaria Brandão Machado (Sudeste), que também ministrou uma parte do curso.

Assim a estrutura deu-se a partir de três módulos, que intitulamos de *módulo zero*, *módulo FLADEM* e *módulos orbitais*. O primeiro foi considerado como o módulo no qual os participantes conheceram a plataforma *Songster*⁷, que hospedou o curso em toda sua

⁷ Trata-se da plataforma de ação pedagógico-musical <<https://songster.com.br/>>.

trajetória. Esta plataforma inclusive foi apresentada por Matheus Ferreira numa *live* pedagógica com a fala intitulada “Experiência prática com plataforma online para aulas de música no contexto do COVID-19”, no dia 16 de maio de 2020. A *Songster* foi uma parceira neste processo criando o ambiente virtual onde ficariam hospedados todos os materiais relativos ao curso. Então o módulo zero tinha como intenção apresentar o funcionamento da plataforma e como os participantes poderiam navegar nela.

O chamado módulo FLADEM consistiu em apresentar os aspectos históricos da instituição do Fórum, trazendo principalmente elementos próximos àqueles que estão descritos no início deste texto, bem como seus princípios. Este foi oferecido pela professora Adriana Rodrigues, atual presidenta do FLADEM. Uma segunda dimensão deste módulo foi a de apresentar o conceito de pedagogias musicais abertas, que nas palavras de Simonovich consistem em:

ampliar nossa visão, mas com discernimento entre o que é aceitável e o que precisa ser descartado. A abertura é eliminar juízos prévios, arrogância, dogmatismo e preconceitos, é aceitar outras formas de organizar o ensino. Mas não apenas pedagogicamente. A verdadeira abertura é mental, é a aceitação, compreensão e utilização da diversidade estética, filosófica, pedagógica, ideológica e musical (SIMONOVICH, 2009, p. 37) [tradução nossa].⁸

A terceira dimensão foi a de articular temáticas que procurassem dar corpo e materialidade ao que propõem as pedagogias abertas. Neste sentido, as atividades propostas pelos professores Glauber Resende e Ritamaria Brandão Machado procuraram debater questões epistemológicas que se debruçaram em aspectos como a de(s)colonialidade (QUEIROZ, 2017) e da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) como mecanismos e formas mais palpáveis e abertas para as pedagogias musicais da/na contemporaneidade.

Os módulos orbitais, por sua vez, buscavam trazer propostas mais práticas e que buscassem dar corpo aos princípios epistemológicos citados acima. Neste sentido, intentaram trazer à tona práticas musicais cotidianas e insurgentes nas quais fosse possível perceber traços decoloniais e/ou interseccionais. Assim sendo, os módulos orbitais foram:

⁸ No original: *ampliar nuestra visión, pero con discernimiento entre aquello que es aceptable y aquello que es necesario descartar. Apertura es eliminar prejuicios, soberbias, dogmatismos y preconceitos, es aceptar otros modos de organizar la enseñanza. Pero no solo en lo pedagógico. La real apertura es mental, es la aceptación, comprensión y aprovechamiento de la diversidad estética, filosófica, pedagógica, ideológica y musical* (SIMONOVICH, 2009, p. 37).

Retumbar el silencio: el murmullo del tambor. Contexto y didáctica de la música afroargentina, ministrado pelo argentino Augusto Guarnieri; *Despertando las voces adolescentes*, oferecido pela mexicana Carolina Oaxaca; *Professora, toca aquela*, pela carioca Priscilla Hygino e; *Narrativas de Cantovivências na Quarentena*, pela maranhense Antonilde Rosa.

No módulo de Guarnieri há uma centralidade na preocupação em compreender com os cursistas que tocar uma membrana de um tambor nunca é apenas fazê-la vibrar. Para o professor argentino, ao fazê-la tremer se evoca a necessidade de conhecer sua história, a(s) culturas(s) da(s) qual(is) ele faz parte. Neste sentido, no curso proposto se pretendia reconhecer sua presença - a partir da música afro-argentina - e sua importância na formação de nossa identidade latino-americana, valorizando seu potencial como recurso educativo a partir de um processo de educação musical colaborativa, conforme sinaliza a ementa do curso na plataforma *Songster*.

Já a proposta de Oaxaca procurou oferecer ferramentas aos participantes do curso para abordar um trabalho vocal com adolescentes, fossem aqueles preparadores vocais ou educadores musicais. A professora trouxe uma metodologia que fosse funcional para esta faixa etária, bem como trazer compreensão sobre os aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos da voz, de forma prática com vocalização livre e repertório próprio aos participantes e aos adolescentes.

A proposição *Professora, toca aquela*, de autoria de Priscilla Hygino buscou trabalhar com possibilidades para a aula de música na Educação Básica com o referencial teórico-epistemológico numa lógica afro-centrada explorando uma musicalidade afro-diaspórica. A intenção dela foi a de trazer experiências de seu dia a dia na sala de aula e de situações reais com as/es/os estudantes.

Por fim, a abordagem de Antonilde Rosa centrou-se no canto e fez-se a partir de questões que demandavam respostas ‘simples’, mas que requeriam ações práticas: “Que canto você canta? O que canta seu canto? A partir dos recursos disponíveis, de que forma você pode participar e materializar seu cantovivência na/de quarentena?”⁹ A partir destas

⁹ Estas perguntas e as informações dos módulos supracitados foram retiradas da plataforma do curso que está disponível para aqueles participantes que se inscreveram no curso “Das pedagogias abertas à práxis escancarada”

interrogações e de outras práticas, Rosa buscou trazer elementos do canto cotidiano das/des/dos participantes aquele canto mais primevo, mais originário, de atividades mais simples do dia-a-dia de cada um durante a quarentena por conta da pandemia de Covid-19.

Fazendo uma avaliação do impacto do curso, é preciso sinalizar que ele não teve o resultado projetado no que diz respeito à quantidade de participantes e à interação destes no decorrer do processo participativo. Acessando a área de usuário do curso da plataforma *Songster* percebemos a partir de nosso login de administradores que havia vinte e oito pessoas inscritas do Brasil e de outros países da América Latina. Destas, sete são professores ou estão envolvidos com a técnica, o que faz com que inscritos, de fato, houvesse apenas 21 pessoas. Considerando o universo de aproximadamente 1.000 a 2.000 acessos nas *lives* pedagógicas e nas *lives* Fladem Brasil, a nossa projeção era a de que o curso tivesse ao menos cinco vezes a quantidade de participantes inscritos.

As nossas hipóteses de explicação são principalmente duas. A primeira delas deve-se ao fato de que se passou de um mês a dois meses aproximadamente entre as *lives* e o curso e isso provavelmente pode ter desestimulado as/es/os flademianas. Outra possível razão é o próprio cansaço das telas ou mesmo o estado mental de fadiga e ansiedade no qual muitas pessoas possivelmente poderiam se encontrar, o que evidencia em grande parte uma lógica que vai ao encontro do que sinaliza Byung-Chul Han (2015) sobre o fato de vivermos numa sociedade contemporânea caracterizada por ele como a “sociedade do cansaço”. Na perspectiva do autor há nos nossos dias um processo de adoecimento que não é do corpo físico, mas do estado mental no qual estamos inseridos por conta dos excessos de positividade que postulam que “nós podemos tudo” e “damos conta de fazer tudo”, “de comprar o que queremos”, “de sermos bons o tempo todo naquilo que fazemos”. Segundo Han (2015) este estado não nos atinge mais como atingia uma doença imunológica até antes da descoberta dos antibióticos, na verdade atinge um estado do nosso ser que não pode ser expresso em exames, por exemplo. Assim sendo, nossa conjectura é a de que as/es/os flademianas/nes/nos poderiam estar fatigadas/es/os, inclusive por conta do tipo de relação social que precisamos estabelecer por causa do isolamento que a Covid-19 nos impôs.

O III Seminário Nacional do Fladem Brasil no ciberespaço

Esta talvez fosse a primeira seção deste artigo, já que o III Seminário Nacional do Fladem Brasil foi uma atividade planejada durante o decorrer do segundo semestre de 2019 como uma ação para acontecer presencialmente no período de 01 a 04 de abril de 2020 na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), ou seja, a primeira atividade deste ano. Chegou o ano de 2020. O dia 13 de março foi o dia decisivo para optarmos por não realizar o Seminário e preconizar o que recomendavam as autoridades internacionais e nacionais de saúde ou andarmos com a produção e corrermos tentar realizá-lo e sermos impedidos. Optamos por, praticamente quinze dias antes da realização, seguir as orientações das autoridades e não realizar o Seminário.

Naquele momento todo o processo de preparação, de ter programação pronta, passagens dos conferencistas convidados compradas, apresentações musicais e de trabalhos compostas, pareceu ter sido um trabalho hercúleo de muitos braços e que seria todo dispensado. Um misto de sensação de garantia da segurança dos participantes inscritos, por um lado, e de impotência frente a um vírus, por outro, nos tomou. Restou então suspender, mas não cancelar definitivamente o III Seminário, já que não sabíamos o que estaria por vir.

Após as ações preparatórias das atividades anteriores, começamos a pensar ações variadas no decorrer do ano de 2020 que pudessem culminar no Seminário. Por tal motivo realizamos as ações online apresentadas nos tópicos anteriores. Estas tiveram uma função em si mesmas, mas por outro lado serviram de termômetro para percebermos como seria o uso das plataformas e quais temáticas poderiam ser desdobradas a partir daquela que foi definida como central, que foi “Educação Musical, Democracia e Práticas Emancipatórias: perspectivas e abordagens”.

Estes elementos nos ajudaram a começar a forjar o III Seminário num formato virtual. A preparação exigiu de nós adaptações variadas, a começar pela quantidade de dias da ação e do tempo em frente às telas dos dispositivos eletrônicos. Inicialmente a programação estava pensada para ocorrer em quatro dias e com atividades que contavam com aproximadamente 11 horas de programação por dia. Apenas no último dia as atividades teriam 4 horas de duração. Em formato virtual o Seminário precisou passar para três dias, principalmente porque fomos percebendo no decorrer do ano que as

peças não aguentavam ficar muito tempo e muitos dias numa mesma ação, mesmo que fosse muito interessante para elas. Neste sentido, planejamos uma ação de três dias com alguns intervalos estendidos para almoço e com uma atividade intitulada *Bora para um café?* Optamos por colocar esta ação na programação porque gostaríamos de sinalizar que aquele era um momento de desconectar um pouco e ir à cozinha para preparar um café e depois de meia hora, aproximadamente, voltar para o computador e continuarmos a programação.

Outra adaptação que fizemos foi a mudança das salas presenciais para as salas virtuais, ou seja, um ajuste em relação às plataformas. Imaginávamos que o *StreamYard* (já citado neste texto) daria conta de todas as atividades do Seminário, transmitindo conferências, mesas-redondas, minicursos e atividades dos GTs todas pelo *YouTube*. Porém percebemos duas coisas importantes. A primeira delas é que as pessoas precisavam produzir interação, ver-se, mesmo que mediadas pelas telas. Nossas ações anteriores todas aconteceram pelo *StreamYard* com exibição pelo Facebook e sentimos que as pessoas queriam mais que escrever num *chat*. A segunda é pelo fato de que algumas atividades da programação aconteceriam simultaneamente e como tanto o canal do *YouTube* do Fladem Brasil como Facebook são apenas um espaço, não existiria a possibilidade de realizar duas ações ao mesmo tempo por um único canal de transmissão. Por isso optamos pelo uso do *Google meet* em algumas atividades.

Os itens da programação que ocorreram no *StreamYard* com transmissão ao vivo pelo canal do *YouTube* do Fladem Brasil e interação via *chat* foram: conferência de abertura e de encerramento, apresentações musicais, lançamentos de livros e da *Revista Fladem Brasil* e mesa de debate. Aqueles que aconteceram no *Google meet* com interação direta dos participantes com microfone e câmera foram: minicursos, fóruns de debates, apresentação dos trabalhos nos GTs, mostra virtual de pôsteres e a assembleia do Fladem Brasil.

Estes formatos promoveram diferentes processos interativos e de trocas entre os participantes. As *lives* no canal do *YouTube* e as salas do *Google meet* tiveram como principal diferença algo que para todas/todes/todos tem sido bem valioso: o olhar, a voz e a presença física, mesmo que mediada por uma câmera. Nas salas do *meet* foi possível perceber que as pessoas queriam se colocar, fazer perguntas, falar diretamente com os

expositores. Por outro lado, sempre que existia uma brecha as/es/os participantes conversavam entre si, fosse por microfone ou via chat. Na maioria das vezes os assuntos giravam em torno daqueles que os proponentes estavam discorrendo, mas atravessando fortemente algumas situações cotidianas das/des/dos participantes em suas escolas, universidades, cidades e estados. Nos processos interativos realizados entre os participantes que assistiram as ações a partir do Canal Fladem Brasil no *YouTube* foi possível perceber uma interação menor entre os próprios participantes que assistiam, mas diálogos profícuos via *chat* entre as/es/os participantes e quem estava proferindo conferência (ou participando da mesa de debate). Isto porque o *StreamYard* permite que o operador da sala coloque comentários e perguntas na tela, o que faz com que um fluxo de respostas e informações por parte de quem está falando seja mais fluido e ágil.

Ao final do III Seminário Nacional do Fladem Brasil, em sua edição online, foi enviado para os participantes um formulário de avaliação, no qual as/es/os participantes puderam: sinalizar aquelas atividades da programação da qual mais (ou menos) desfrutaram, opinar sobre a duração das atividades, sobre as interações que ocorreram nas mais variadas ações, expressar o quanto o seminário colaborou com variados aprendizados e deixar comentários mais gerais sobre o Seminário de forma textual. Num universo de 89 inscritos, apenas 21 responderam ao formulário. Com uma devolutiva de aproximadamente 23% das/des/dos participantes não é possível fazer uma análise mais fidedigna da realidade e por isso optamos por não descrever e analisar os dados neste escrito.

É possível falar em término? Considerações finais

O ano de 2020 ainda não acabou e parece que seu marco temporal também não terminará no tempo cronológico. A pandemia, apesar de nos meses de agosto, setembro e outubro ter sofrido uma desacelerada, agora nos meses finais do ano tem aumentado novamente de forma acelerada. Apontamos que não é de maneira igual em todas as regiões do país. Cada uma delas possui dinâmicas distintas e processos de evolução bem variados. Mas não podemos deixar de dizer que o Brasil soma um quantitativo de mais de 6 milhões de casos de COVID-19. Desse número, mais de 170 mil casos são de morte. Vivemos em um país da necropolítica e nós, como educadores musicais, podemos tomar

consciência e responsabilidade acerca do que a pandemia tem nos mostrado. O que podemos fazer para a construção dos pós-pandemia que já começa hoje?

Esse texto apresentou as dinâmicas educativas e formativas que o Fladem Brasil promoveu ao lado do I e II semestre de 2020. Ano que o mundo, a vida, o cotidiano e sociedade se midiaticizou ainda mais. Nós, enquanto associação que compõe um Fórum internacional, tivemos que nos conectar e flademianiar ainda mais, compreendendo que é por meio do efetivo movimento em rede que o FLADEM prossegue em suas dinâmicas e ações, bem como orientam os seus princípios.

Nesse período de pandemia, pudemos perceber, enquanto Junta Diretiva, que há uma demanda da rede de educadores musicais, acerca do movimento tecnológico, digital e midiático no que concerne a sua prática nos processos pedagógico-musicais. Podemos obter essa compreensão pelas ações que realizamos e as avaliações delas realizadas. Diante desse aspecto destacamos que o Fladem Brasil seguirá com suas ações formativas centradas no diálogo humanizado tecendo conexões e confluências com os debates que o mundo da comunicação vem articulando, buscando proposições e abordagens para as/es/os educadoras/es musicais.

Entendemos que o Brasil é um país de dimensão continental com questões variadas, e que precisa assegurar alguns direitos constitucionais básicos. O que apontamos aqui nessas considerações finais, é que urge da comunidade de educadores musicais uma articulação em rede, na busca por medidas atentas as mazelas e idiossincrasias geradas pela desigualdade social, principalmente agora, em tempos de pandemia. Neste sentido afirmamos uma pauta educativo-musical antirracista, anti-homotransfóbica e antimisógina.

Por fim, compreendemos que o mundo em que vivemos no cotidiano do hoje não é o mesmo de ontem e a oportunidade de transformá-lo hoje é nossa e nós educadores somos parte desse processo de construção. Que tenhamos nós a coragem e o dever de promover processos de educação musical responsabilmente humanizados e solidariamente atento às mazelas que essa pandemia tem acirradamente demonstrado. Para de alguma forma ou outra colaborarmos com a construção de um novo mundo que começa hoje.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORNE, Leonardo. Editorial. *Revista Fladem Brasil*, ano 0, v. 1, n. 2, jul. 2020.
- BRITO, Teca Alencar de. FLADEM – Fórum Latino-americano de Educação Musical: Por uma Educação Musical Latino-americana. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 28, p. 105-117, 2012.
- DOMINGUES, Glauber Resende. Educação Musical, gênero e sexualidade. *Revista do Fladem Brasil*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 148-149, jul. 2020.
- FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos na lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GROSGOUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007
- GAINZA, Violeta Hemsy de. La educación musical en el siglo XX. *Revista Musical Chilena*, Santiago, v. 58, n. 201, p. 74-81, janeiro 2004. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-27902004020100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 06 nov. 2020.
- HJARVARD, Stig. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Org.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167. Disponível em: <<http://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- MARTINS, Ana Bela de Jesus; JUSTINO, Ana Cristina Fernandes Cortês; GABRIEL, Graça da Conceição Filipe. SBIDM: comunicação síncrona, assíncrona e multidireccional. CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS., 2010, Guimarães, PT. *Anais*: APBAD, Lisboa. p. 1-11.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>>. Acesso em 6 nov. 2020.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, Londrina, v.25, n.39, p. 132-159, jul./dez. 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Grupo Editorial Letramento, 2017.

RIVERA CUSICANQUI, S. Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. *E-book*. RIVERA CUSICANQUI, S.; SOUSA SANTOS, B. de. Conversas del Mundo. In: Revueltas de indignación y otras conversas. La Paz: ALICE - CES, 2015. p. 80–126. *E-book*.

SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e a construção de gênero no espaço escolar: Memórias ou realidade? *Revista do Fladem Brasil*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 02, p. 124-125, jul. 2020.

SIMONOVICH (org.). *Apertura, identidad y musicalización: bases para una educación musical latinoamericana*. Buenos Aires, ARG: Foro Latinoamericano de Educación Musical-Argentina Asociación Civil, 2009.

TANAKA, Harue. Epistemologias do Sul (decoloniais) em Música: transformando a visão de mundo do educador musical. *Revista do Fladem Brasil*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 02, p. 121-123, jul. 2020.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, C. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. Ciudad del Mexico: En cortito que's pa' largo en esta, 2014. v. 1 *E-book*.

